Ano XX — Lisboa, Novembro de 1964 — N.º 235

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

A Lição dos Jogos Olímpicos

Vestia Tóquio as melhores galas para acolher dignamente as brilhantes embaixadas desportivas que, de tantos países, acorreram à disputar valorosamente as difíceis provas dos Jogos Olímpicos, provas que o público acompanhou com interesse e admiração. A importante parada atlética terminou há semanas, mas os seus ecos repercutem-se ainda pelo mundo, surpreso e maravilhado pela extraordinária classe dos atletas que ali afirmaram alto valor físico e exibiram preparação técnica de excepcional relevo. Foi realmente espectáculo de singular beleza, a que não podem ficar indiferentes mesmo aqueles que se não deixam cativar demasiadamente pelas coisas desportivas.

Poderemos discordar do *recordismo*. A educação física não é servida pela cultura do excesso. O que importa é o revigoramento do homem, o seu desenvolvimento equilibrado de corpo e espírito. O desporto deveria ter em vista conseguir indivíduos robustos e sadios, absolutamente normais. Porém, não é este aspecto das Olimpíadas que prende agora a nossa atenção. Seja qual for o nosso ponto de vista, não podemos ocultar a nossa admiração em face dos resultados obtidos por aqueles que arrancaram, com as apetecidas medalhas de ouro, os quentes aplausos da multidão.

É espantoso que tenha sido possível correr 100 metros em 9,9 segundos, menos de um segundo por cada dez metros! Que outro atleta tenha conseguido saltar com vara a 5,10 m. de altura, batendo o anterior *record* olímpico de 4,70 m.. Que no lançamento do peso, o americano Dallas tivesse atirado a esfera à distância inacreditável de 20,33 m.. E, se fosse essa a nossa intenção, poderíamos prosseguir citando marcas prodigiosas obtidas em atletismo, natação e outras modalidades. Importa sobretudo acentuar que foram batidas marcas consideradas como limite máximo das possibilidades humanas. Estamos crentes, contudo, de que à força de querer, essas marcas voltarão novamente a ser batidas em futuras competições.

Podemos concluir em face desta reveladora experiência que o homem atinge os seus objectivos, ultrapassa-se a si próprio, sempre que põe ao serviço de um ideal elevado todas as suas faculdades. Não diremos — seria estultícia — que são infinitas as possibilidades humanas. As marcas obtidas nos Jogos Olímpicos terão limite. Mas como ignoramos onde está esse limite, é sempre possível procurar ir um pouco mais além.

No campo científico têm afinal sido registados os mesmos êxitos. Por exemplo, a aviação progredia tanto que nos será lícito perguntar a que distância estamos já dos potentes aviões de há um par de anos. Na conquista do espaço, a ânsia do homem não tem conhecido barreiras. O que ontem era fantasia transformou-se ràpidamente em flagrante realidade. Agora mesmo uma assombrosa cosmonave cruzou o espaço com três homens a bordo, prodígio que só foi possível à força de muita tenacidade, estudo intensivo, mobilização exaustiva de esforços. Ninguém duvida já de que o homem, guiado pelo seu engenho, seja capaz de em breve pisar outro planeta situado longe no espaço sideral.

Estará na excepcional potência da vontade humana a centelha divina que em nós habita. Quando o Criador, segundo o Génesis, diz *façamos o homem à Nossa imagem e semelhança*, procurava certamente dotá-lo, como dotou, da imagem e semelhança do seu infinito poder. O pecado do homem reside na forma orgulhosa como fez uso desse poder ou, pior ainda, em o empregar quase exclusivamente no serviço do mal.

A juventude terá de ser despertada para o conhecimento das poderosas energias que se escondem no seu íntimo e deve ser orientada a fazer uso dessa ignorada potência. O exemplo dos Jogos Olímpicos é bem expressivo. Para alcançarem tão altos resultados, os candidatos sujeitaram-se voluntàriamente a rigorosa disciplina; privaram-se de tudo aquilo que poderia prejudicar a sua preparação física e mesmo espiritual; estudaram; treinaram; mobilizaram todas as suas energias. Alguém disse que *a acção é a quinta-essência da vida, como a combustão é a quinta-essência do fogo*. Pois só pela acção intensiva, pelo exercício constante da vontade, pelo treino de aptidões, o jovem poderá valorosamente desbravar o caminho que o conduzirá a todos os êxitos.

Os novos têm realmente ao seu alcance poderosos meios para solucionar os mais graves problemas do mundo e ultrapassar todos os *records* das gerações passadas. O estudo, o trabalho, a persistência podem levar o rapaz — se ele quiser — à realização não só de grandes feitos, mas também a atingir objectivos imediatos da sua vida pessoal: a conquista de um carácter nobre, de um lugar na vida, de uma posição digna.

Infelizmente tem sido o espírito bélico o motor das maiores realizações do homem. Por isso se verifica o progresso da energia nuclear, da cosmonáutica, da aviação. Longe de nós menosprezar tão formidáveis progressos científicos, mas permitimo-nos perguntar se não estariam solucionados problemas da magnitude da descoberta e cura do cancro; da fome em certas regiões do globo; da habitação e outros, se tivessem sido postos ao serviço destas causas as mesmas energias e meios que têm servido esses outros objectivos.

Possa a juventude de agora olhar mais longe. A lição dos Jogos Olímpicos é que o Homem se pode continuamente ultrapassar, ir mais longe, ser mais rápido, alcançar mais alto. Todos nós dispomos de poderosas possibilidades que podem levar-nos a realizar prodígios. Não negligenciemos as forças físicas e espirituais que em nós residem e estejamos atentos às nossas responsabilidades. A mocidade é realmente a esperança do mundo.

Actos de valor praticados por rapazes portugueses

— Uma sugestão à Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal

O passado mês de Setembro teve a caracterizá-lo um punhado de actos de pura abnegação praticados por valentes rapazes portugueses.

O primeiro ocorreu em Ponte do Sor. O José Manuel Simões, de 11 anos, e o seu irmão José António, de 7, que moram no lugar de Vale da Bica, andavam nas distracções próprias das suas idades. Nisto repararam que o carril de caminho de ferro estava partido, denotando assim bom espírito de observação. Seria natural, nos seus tenros anos, que se quedassem a olhar para aquilo sem atinar no que deviam fazer. Mas não. Os dois rapazes raciocinaram correctamente. O Lusitânia-Expresso passaria naquele sítio daí a pouco tempo. Estava iminente, portanto, um desastre ferroviário, semelhante a outros de que eles ouviram já falar e tanto os tinham impressionado. Não havia tempo a perder. Era necessário fazer alguma coisa!

Correram, pois, à estação de Ponte do Sor a dar o alarme. Já exaustos, quase sem poderem falar, avistaram em determinada altura um seu vizinho, o sr. Henrique da Costa Gaudêncio, que por ali passava na sua bicicleta. As duas crianças contaram-lhe o que tinham visto. O sr. Gaudêncio, que por acaso é um zeloso funcionário da C. P., apercebendo-se do perigo, dirigiu-se com a velocidade que as suas forças permitiam, à estação de Ponte do Sor, avisando ali o pessoal da estação do ocorrido. De facto, ao quilómetro 161,450-Leste estava um carril partido.

Prevenido o chefe do distrito, correu ali pessoal com ferramentas que procedeu à substituição do carril, enquanto era feito sinal de paragem ao comboio.

O João Manuel e o José António foram autênticos escoteiros. Tiveram espírito de observação, souberam raciocinar e deram mostras de espírito de iniciativa, praticando uma boa acção que evitou certamente um descarrilamento, cujas consequências podiam ser trágicas.

Outro pequeno-grande herói é o Joel Carlos Gonçalves, de 12 anos de idade. Mora, com sua mãe, pobríssimamente em Amora, perto do Seixal.

Pois, há dias, quando o Anacleto Ferreira Pereira, de 10 anos, tentava, num dos braços do Tejo, levantar a âncora de uma lancha, foi arrastado pela corrente. O avô do rapazinho lançou-se à água mas nada pode fazer porque não sabe nadar. Um guarda da fábrica Mundet, o sr. Joaquim Vitorino, quando ia acudir à criança, caiu e fracturou as costelas. Teve de ser hospitalizado.

Apareceu então o Joel. Arrojado e decidido, não hesitou ante o cumprimento de um dever. Com risco da própria vida, pois a corrente era fortíssima, lançou-se à água e salvou o Anacleto.

Mas não é este o único feito do Joel Carlos. Já noutras emergências conseguiu salvar da morte, em idênticas circustâncias, mais três rapazes, o António Francisco Quintas Henriques, de 11 anos, o Manuel José da Cruz Ferreira, de 14, e o João Fernando, de 6 anos.

O Joel Carlos Gançalves, apesar dos seus 12 anos, é um grande homem, que merece, não só palavras de reconhecimento, mas de um auxílio que permita à sua família fazer face às dificuldades financeiras em que vive.

Mais outro caso, relatado pelo «Jornal do Algarve», em que intervém um lobito de Tavira. Transcrevemos o que se diz naquele jornal:

«Quando dois irmãos, um de 6 e outro de 9 anos, brincavam, num bote atracado a uma das margens do Gilão, que atravessa Tavira, o mais novo, de nome António do Espírito Santo, escorregou e caiu nas águas do rio, afundando-se.

«Pouco depois, veio ao de cima, perante a angústia do irmão mais velho que, não sabendo nadar, não o podia salvar.

«A maré estava cheia e no momento nenhum homem capaz do salvamento se encontrava no local, pelo que o menino corria grave risco de se afogar. Então, aos gritos do irmão que se encontrava na margem, acudiu o lobito do C. N. E., Vítor Fernando do Carmo Ribeiro que, apesar de ter apenas 12 anos de idade, ao dar conta do que sucedia, com desprezo da própria vida, atirou-se à água, trazendo para terra o menino, são e salvo.

«Esquecendo o perigo que corria e no cumprimento da sua boa acção diária, longe do interesse de qualquer recompensa de ordem material que não o seu dever, o lobito Vítor Fernando do Carmo Ribeiro havia salvo o menino; porém, esperava-o uma compensação de indizível e profundo valor dos lábios da an-

Segue na página 6

PROMISSORAS ESPERANÇAS NA JUVENTUDE COMPREENSIVA

Embora tentando compreender as condições especiais da vida moderna, com tremendos e angustiosos problemas que geram esmagadora e aflitiva inquietação interior e os estranhos complexos, a verdade é que os gestos de extrema violência dos «meninos bestas» ou dos «teddy-boys», numa atitude negativa em face da vida, nos compungem e revoltam. Eles esvaziam assim, pela brutalidade que os rebaixa ao nível da besta, os seus esmagadores recalcamentos; mas não poderiam conquistar a sua personalidade, reivindicar os seus direitos, realizar os seus anseios, humanamente, procurando a ajuda do semelhante compreensível e sociável? Pois temos admiráveis exemplos de heroísmo abnegado, de espírito fraterno e dedicação, até o máximo de sacrifício, por parte de muitos jovens, aliás de espírito moderno, desempoeirado e audaz, que nos reconfortam e animam com altas e promissoras esperanças para o futuro. Registamos mais um desses actos de supremo altruísmo, por parte de um jovem que, jogando a sua vida em luta com o mar, salvou outra vida em risco de se perder. Desfilava pelo aglomerado à beira da linda praia algarvia de Armação de Pêra o préstito em louvor da Senhora da Encarnação. Nele ia incorporado um pequeno de 14 anos, estudante do 4.º ano da Escola Comercial de Silves, Vítor Hugo Sintra Lima Pereira, envergando a sua farda de escoteiro do grupo do C. N. E. daquela cidade. A certa altura notou que um homem corria grande risco, debatendo-se aflitivamente com as ondas ao largo da praia. Num impulso altruístico, o jovem saiu da procissão, jogou-se ao mar e salvou o homem, prestes a afogar-se: Joaquim Barrão, de 65 anos residente na freguesia de Lagoa, o qual, por estar embriagado, resolvera ir tomar banho. Depois o jovem mudou a roupa encharcada e retomou o seu lugar na procissão. E não se fazem comentários ao seu gesto de tão comovedora simpatia humana.

DO «DIÁRIO DE LISBOA»

As comemorações do 30.º aniversário do Grupo n.º 93, de Sintra

Um concurso de desenho e literatura escotistas

Ainda integrado nas comemorações do 30.º aniversário do Grupo N.º 93, de Sintra, foi promovido o «Concurso de Desenho e Literatura Escotistas», a disputar entre os crianças de todas as escolas primárias do concelho de Sintra.

A excelente iniciativa dos escoteiros de Sintra esteve quase condenada a um fracasso, não porque a ideia não fosse digna dos mais francos aplausos, mas porque não encontrou, da parte daqueles que têm responsabilidade pela educação das crianças, o eco que seria justo dispensar-lhe.

No entanto, como preito ao interessante empreendimento dos nossos camaradas sintrenses, correspondeu a Junta de Freguesia de Queluz e a Comissão de Melhoramentos daquela histórica vila.

Foi assim que, no dia 10 de Outubro p. p., foi inaugurada no salão nobre daquela Junta de Freguesia uma exposição com 73 trabalhos de crianças pertencentes às escolas primárias.

Alguns dos desenhos que foram expostos revelavam a muita intuição e conhecimentos aos seus autores, o que veio demonstrar como teria sido útil que esta iniciativa tivesse despertado o interesse das outras escolas do concelho.

A fim de atribuir os prémios instituídos para o concurso pelo Grupo n.º 93, foi nomeado um júri, constituído pelas artistas sr.as Dr.ª D. Maria Almira Medina e D. Antónia Gadanha e pelo dirigente escotista sr. António Augusto da Silva e Cunha, delegado do grupo organizador, e ainda um representante do «Jornal de Sintra».

No dia 18, também do mês passado, realizou-se a cerimónia de entrega dos prémios, constituídos por valiosos brinquedos. Estiveram presentes o sr. António José Pereira Forjaz, que representava o sr. Presidente do Município de Sintra, o sr. Presidente da Junta e ainda membros de diversas associações daquela freguesia.

Antes da entrega dos prémios, o sr. Presidente da Junta agradeceu a presença do representante do sr. Presidente da Câmara bem como das diversas entidades que ali se encontravam e de todos os que tinham acorrido àquela cerimónia. Disse que tinha sido com vivo prazer que a Junta de Queluz se tinha associado à feliz iniciativa dos escoteiros de Sintra e, se mais não se conseguira fazer, isso devia-se à falta de tempo. Prometeu que, noutra oportunidade, procuraria ter a participação de todas as escolas de Queluz e Massamá.

Terminou agradecendo a colaboração dos directores e professores das escolas de Queluz bem como o concurso da Comissão de Melhoramentos.

Em nome do Grupo n.º 93 usou da palavra o dirigente sr. António Augusto da Silva e Cunha, que agradeceu a colaboração, o esforço e a boa vontade demonstrados pelos que trabalharam para que fosse possível realizar-se aquela exposição. Fez, depois, várias considerações sobre a função educativa do escotismo e os deveres que impendem sobre aqueles que escolhem a nobre carreira de professor primário.

Falou, ainda, o sr. Capitão António Gomes Rocha que teceu elogios à dedicação revelada pelo professor primário.

Seguiu-se a distribuição dos prémios aos concorrentes mais bem classificados que foram os seguintes:

DESENHO: — Crianças de 8 anos; 1.º, Joaquim Luís Vieira; 2.º José António Valverde. *9 anos*: 1.º, Carlos Manuel Tempero; 2.º, João Eduardo Gonçalves. *10 anos*: José João Santos; 2.º, Durival Álvaro da Silva. *11 anos:* 1.º, Armando Jorge Veiga; 2.º, Cidália Antónia Gonçalves. *12 anos:* 1.º José Carlos Trindade; 2.º, José Manuel Carvalho. *13-14 anos*: 1.º Maria do Carmo Araújo: 2.º Elisabete Bonifácio.

REDACÇÃO: — O prémio foi atribuído ao concorrente Luís Joaquim Monteiro Franco pelo conto *«Os verdadeiros homens»*, que noutro lugar publicamos.

À medida que os prémios iam sendo entregues aos vencedores, estes eram distinguidos com salvas de palmas por todos os assistentes.

Estava presente e foi muito felicitada a professora sr.ª D. Maria Fernanda Arnaud Teixeira, que foi a obreira desta exposição juntamente com as suas colegas sr.as D. Ana Amélia Martins Geraldes e D. Maria Manuela Cautela Nunes e com o professor sr. Coelho de Sousa.

Endereçamos parabéns muito sinceros aos escoteiros de Sintra pela sua interessante iniciativa, a qual, se não teve o êxito que seria de desejar, comprova espírito de iniciativa que honra os rapazes e os «velhos» do 93.

Segundo fomos informados, os dirigentes do grupo sintrense vão encarar a hipótese de repetir, na próxima Páscoa, este concurso. Se assim acontecer, fazemos votos de que a sua iniciativa obtenha os resultados que desta vez não foi possível infelizmente alcançar.

VERDADEIROS HOMENS

Num dia de muito calor, um rapaz, em vez de ir para a escola, resolveu ir para um bosque.

Sentou-se numa pedra a contemplar o rio. A certa altura quis tomar banho e, despindo-se, foi nadar. O rio era muito fundo e o rapaz estava prestes a afogar-se. Gritou por socorro. Estando perto um acampamento de escoteiros, ao ouvirem gritar, foram socorrê-lo com o risco da própria vida.

Tiraram-no da água, fizeram-lhe a respiração artificial e levaram-no à mãe, que ficou muito reconhecida aos escoteiros que salvaram a vida do filho que, numa má hora, esqueceu as suas obrigações e foi passear para o bosque.

Se não fossem os escoteiros, ele ter-se-ia afogado. O escotismo é uma actividade humanitária e por isso deve ser frequentado por rapazes e meninos, porque lá aprendemos a ser verdadeiros homens, altruístas, úteis ao semelhante e à Pátria.

Luís Joaquim Monteiro Franco
Aluno da 3.ª classe — Escola masculina n.º 1 — Queluz

CAMPANHA DO PAPEL VELHO PARA O ANAJU

A Comisão que promoveu esta campanha, recebeu ainda os seguintes donativos:

Em papel velho e cartão:

Do Grupo 2, e dos srs. Armando Jaime Soares, Eduardo Xavier e João Patrício de Melo.

Em dinheiro:

Farmácia da Costa de Caparica	20$00
Venda de papel velho existente na sede	205$80
Sr. Rev. Eduardo Moreira	50$00

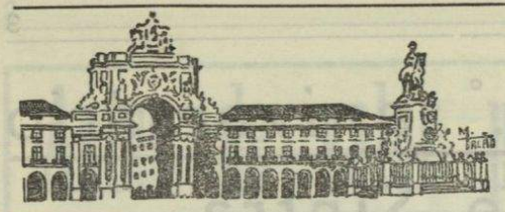
MUDANÇA DE RESIDÊNCIA

O nosso estimado assinante, sr. Humberto Gomes de Freitas, fixou novamente a residência no Funchal. A sua actual direcção postal é *Apartado 469 — Funchal.*

ASSINANTES PATROCINADORES

É com muito prazer que registamos mais uma adesão à categoria de assinante patrocinador. Trata-se do nosso bom amigo e colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, de Lagos, que assim demonstra a sua simpatia pelo nosso jornal. Este nosso estimado assinante inscreveu-se com uma quota anual de Esc. 50$00.

Apresentamos-lhe os nossos agradecimentos.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

UMA VISITA AO GRUPO DAS JANELAS VERDES

O 53 — UM GRUPO QUE RESSURGE

O «53» é um dos nossos grupos de escoteiros de mais honrosos pergaminhos. Desde longa data que todos quantos têm estado ligados ao movimento escotista português sabem que os escoteiros do grupo das Janelas Verdes marcam uma posição de relevo em todas as actividades onde tomam parte, revelando não só excelentes conhecimentos da arte do escoteiro, mas também um aprumo que os impõe à consideração e amizade de todos.

Contudo, a partir de determinada altura, foi com bastante mágoa que se começou a notar um entorpecimento da vitalidade do «53», que viria, mais tarde, a traduzir-se num quase total desaparecimento do que tinha sido, pelo menos em determinada altura, o mais florescente dos grupos da Capital.

Este colapso teve a sua origem no afastamento do seu entusiástico e sabedor chefe, o nosso estimado amigo sr. Armando Lino, afastamento esse imposto por circunstâncias irremediáveis, mas que todos — escoteiros e dirigentes — deploraram com evidente amargura.

Todavia, quando o edifício possui bons fundamentos, não é fácil destroçá-lo ao primeiro vendaval. Com o «53», rudemente combalido pela dolorosa contrariedade de se ver privado do valoroso timoneiro, aconteceu a mesma coisa: não se deixou abater pela nortada. À semelhança da Fénix, que renascia das próprias cinzas, o grupo das Janelas Verdes iniciou finalmente a obra do regresso àquele nível que tanto prestígio lhe conferiu.

O edifício, abalado sim, encontrou agora uma coluna forte, que parece ser capaz de promover a obra da reconstrução. Referimo-nos ao chefe José Manuel Nunes Marçal Correia, um jovem dirigente que está sendo o artífice da renovação a que se assiste.

«Sempre Pronto», conhecedor do que está passando, quis assistir a uma das reuniões desta unidade escotista. E assim fez.

O chefe Marçal Correia, no seu gabinete e com a presença do sr. José Carlos Moreira Gonçalves, assistente espiritual, conta-nos o que tem sido o seu trabalho de reorganização. Já há 8 anos que pertence ao «53», tendo tido como chefe o sr. Armando Lino. O grupo tem tido momentos de quebra, mas atravessou, por outro lado, períodos de grande actividade.

— No tempo do chefe Armando Lino, conheci duas épocas de muito movimento e de grande entusiasmo. Depois, com a saída deste dirigente, esta animação foi-se perdendo. Sob a direcção de Carlos Daciano, o «53» voltou a progredir, mas com o seu afastamento, devido a imperativos da sua vida particular, houve uma nova quebra.

São estas as primeiras declarações do novo dirigente do Grupo, que continua, desta maneira as suas confidências:

— Agora, encontramo-nos numa nova fase. No entanto, deve-se



Os rapazes do 53 com os seus dirigentes



O Chefe Marçal Correia fala ao nosso redactor

frisar que este trabalho de ressurgimento não é só obra minha, pois tenho recebido uma preciosa colaboração do assistente espiritual do grupo, o sr. José Carlos de Oliveira Gonçalves, e do subchefe do grupo, o sr. António Pereira. É ainda necessário levar em conta o papel desempenhado pelo chefe da Divisão Escoteira, sr. António Luís Correia da Cunha, e pela chefe do Bando de Lobitos, a sr.ª D. Leopoldina Albuquerque Marques, que pertence à 9.ª Companhia de Guias.

Outras declarações:

— Eu e mais cinco elementos nunca nos separámos. Como havia falta de gente, fomos buscar os lobitos mais velhos. Com alguma propaganda conseguimos constituir a Divisão Escoteira. Tínhamos, então, 10 escoteiros. O nosso trabalho começou a tomar forma em Agosto do ano passado. Pois olhe que, em Dezembro, o grupo já contava 17 elementos.

O SEGREDO DO RESSURGIMENTO DO GRUPO

Foi então que perguntámos:

— E como conseguiram obter esses resultados?

— Muito simplesmente: trabalhámos! Usámos um processo já muito batido mas que ainda dá grandes resultados: fizemos jogos, procurámos que os escoteiros tirassem provas de classe, efectuámos passeios ao campo com um programa de jogos, organizámos concursos, etc., etc.. Por exemplo, levámos a cabo um concurso em que atribuímos prémios ao canto de patrulha mais bem arranjado, assim como àquele que estivesse mais bem ornamentado.

E continuou:

— Dentro desse mesmo concurso, havia outros requisitos que contavam também para a pontuação, como sejam a pontualidade, tirar provas de classe com mais brevidade, obtenção de sócios, trabalhos manuais de cada patrulha, etc. Este concurso entusiasmou os escoteiros e tirámos, assim, óptimos resultados da sua realização.

— Quando veio tempo melhor — prosseguiu o chefe do «53» — outras actividades se levaram a efeito: fomos para o campo e fizemos diversos acampamentos. Dentro desse programa de actividades de campo, organizámos um jogo que consistia na entrega a cada guia de patrulha de uma carta. Ali se indicava o que cada patrulha tinha de fazer: seguindo percursos diferentes e aproveitando tudo o que no caminho encontrasse com interesse escotista, tais como coleccionamento de folhas de plantas, esboço do trajecto utilizado, homógrafo, reunimo-nos no local de concentração determinado: o Moinho do Penedo, no Monsanto.

— E realizaram ainda outros trabalhos? — perguntámos.

— Certamente. Por exemplo, tivemos um período em que nos preparámos para tomar parte do Acampamento Nacional, onde estivemos presentes com um efectivo muito interessante, em especial nos dois fins de semana.

Acabado o acampamento, vamos entrar num novo período de trabalho com vista ao aniversário do grupo. Entre outros empreendimentos de menor monta, contamos realizar durante as comemorações do aniversário, uma festa de teatro, uma sessão solene, para entrega de estrelas e outras insígnias escotistas e onde se fará uma palestra e projecção de filmes. Num dos domingos será celebrado um culto especial e, à tarde, no adro da igreja, realizar-se-á um fogo de conselho. Durante a semana haverá uma exposição de desenhos escotistas e um concurso inter-patrulhas, para o que vamos instituir vários prémios individuais e colectivos. Um outro número do programa é de um jantar em que tomarão parte só os escoteiros.

E o chefe Marçal Correia confidencia-nos ainda:

— Vamos também preparar um carro para o rali que a Associação vai promover.

Uma nova pergunta lhe fazemos:

— E o grupo tem encontrado acolhimento nesta sua nova fase de trabalho?

— Temos sentido o maior carinho por parte de todos os membros da Igreja. Quero, até, aproveitar esta ocasião para exprimir à Junta Paroquial e à Igreja em geral a maneira como temos sido tratados e ajudados. As nossas relações com a Igreja são as melhores e a colaboração que nos tem sido dada é aquela que, dentro das possibilidades existentes, poderíamos idealizar.

A VISITA ÀS PATRULHAS

Depois desta conversa, em que auscultámos a nova vida do Grupo 53, fomos visitar os cantos das patrulhas.

Em primeiro, estivemos com os rapazes da patrulha «Leão». Três deles já são escoteiros e outros três são aspirantes. O guia é Manuel Rui Ferreira, que nos confidenciou que esperava que a sua patrulha ganhasse o concurso interpatrulhas.

O canto dos «leões» está muito bem ornamentado, com desenhos, litografias e trabalhos manuais.

Estivemos, depois, na patrulha «Cão» que também é constituída por três escoteiros e três aspirantes. O Vítor Manuel Ferreira Veloso, que é o subguia, desejou muitas felicidades ao «Sempre Pronto» que desejava fosse sempre o jornal que tem sido até aqui. Este canto também ostenta desenhos, uma pele de coelho e sinais de pista.

A patrulha «Águia» está instalada a seguir. Compõe-se de cinco escoteiros e de um aspirante e o seu canto tem a enfeitá-lo belos desenhos, trabalhos manuais e fotografias. O guia é o Júlio Daniel Monção Coelho e o subguia o Fernando Manuel Guilherme Monteiro.

— Estou convencido — disse-nos o Júlio Daniel — que o grupo 53 dentro em breve conseguirá o desenvolvimento que teve no tempo do chefe Lino.

Visitámos a última patrulha, a «Tigre». Conta apenas com quatro escoteiros e dois aspirantes. E' de recente formação, por isso o seu canto ainda não está devidamente decorado. O seu guia é o António Duarte Vieira, que nos afirmou que o desejo dos escoteiros do «53» é de alargar o escotismo e fazer muitos acampamentos. «*O que é preciso é não perder a coragem*», disse-nos ele a terminar.

Fomos ainda ao local da equipa de caminheiros «Infante D. Henrique». É composta de quatro elementos e, entre outras actividades, dedica-se a trabalhos com aparelhagem eléctrica, montagem de telefonias, chaves de morse, sistemas de altifalantes, etc. Dispõe ainda de um laboratório químico, onde os caminheiros estudam esta ciência e fazem alguns ensaios.

O chefe da equipa, António Saraiva, desejou muitas felicidades ao nosso jornal, o que muito agradecemos.

Terminou, desta forma, a nossa visita ao Grupo 53, visita que nos deixou uma boa impressão e uma grande esperança de ver os rapazes das Janelas Verdes ocupar o lugar que lhes pertence no panorama do escotismo português.

Desejamos sinceramente os melhores resultados aos esforços que os seus jovens dirigentes estão fazendo, para que consigam levar a cabo estes e outros projectos de que este grupo tem necessidade para entrar numa nova época de elevado nível escotista.

Joel Ribeiro

O VII JAMBORI DO AR

Uma vez mais os Escoteiros de Portugal participaram neste original encontro

Conforme estava anunciado, em 18 e 19 de Outubro último realizou-se em todo o mundo escoteiro o encontro através da rádio que se designa por «Jambori do Ar». Em anos anteriores, participaram neste Jambori os escoteiros da cidade da Beira, bem como o «Sempre Pronto» em 1962.

*O nosso jornal, graças à entusiástica colaboração do rádio-amador sr. Afonso Correia, proprietário da estação CT1 — K*M, pôde este ano imprimir maior desenvolvimento a esta iniciativa. Assim, guiados por aquele nosso amigo, pudemos reunir nomes de rádio-amadores que estavam dispostos a colaborar com os Escoteiros neste empreendimento.*

Assim, pudemos indicar ao Grupo 4, do Porto, o sr. Fernando Faria de Magalhães, posto CT1-FY, que não pôde operar, em virtude de ter acidentalmente o posto desmontado, mas que com toda a simpatia ofereceu já a sua estação para o próximo ano.

O Grupo 84 foi mais feliz. O sr. António Mendes de Matos do posto CT1-KK, acolheu com entusiasmo a iniciativa e pôs-se à inteira disposição dos escoteiros do Entroncamento, que puderam estar assim no ar através da locução daquele rádio-amador, tendo trocado mensagens com os grupos n.os 3 de Porchester, e n.º 6 a 50 km a oeste de Londres, ambos de Inglaterra. Também trocaram mensagens com os escoteiros dos Grupos 6, de Olhão; 2, 5, 13 e 53 de Lisboa.

Ao Grupo n.º 6, de Olhão pudemos indicar o sr. professor Paulo José Coelho Vieira, do Posto CT1-LN, de Faro. Este amigo acolheu com tão boa vontade o Chefe sr. João Trigueiros, que se prontificou, depois de superiormente autorizado, a transferir o seu posto para a sede do Grupo n.º 6, em Olhão. Este Grupo pôde assim trocar mensagens com os grupos acima citados e estabelecer comunicação com a estação inglesa GB3-NFE.

Também o Grupo n.º 77 de Faro, obteve a colaboração do rádio-amador daquela cidade, sr. Eduardo Arcanjo, mas não temos ainda notícia dos resultados obtidos.

«Sempre Pronto» teve a colaboração gentil e dedicadíssima do citado sr. Afonso Correia, e do sr. Saul Costa e Cunha, do posto CT1-JD, na Amadora, onde esteve o nosso redactor sr. Mariano Inácio.

Estes dois postos enviaram para o ar a seguinte mensagem em português, francês e inglês:

«Sempre Pronto», jornal dos Escoteiros de Portugal, saúda fraternalmente todos os Escoteiros espalhados pelos cinco continentes.

«O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros». Possamos nós, Escoteiros, inspirar à Humanidade este mesmo espírito de amizade e boa vontade.

Escoteiros de Portugal

Graças à inexcedível amabibilidade do sr. Saul Costa e Cunha, foi possível, apesar da fraca propagação existente no período que durou a actividade, estabelecer contactos com as seguintes estações:

No sábado, com o emissor canadiano VE3-CEB, de Ontário, que com muita graça fazia a apresentação de uma patrulha de escoteiros, que colaborava na emissão, repetindo cada rapaz de viva voz o seu nome.

No domingo, escutámos o emissor 6Y5-RA, de Kingston, na Jamaica, que lançava a chamada oficial «CQ Jambori», tendo tido a satisfação de trocar mensagens com estes escoteiros, a quem levámos a mensagem de fraternidade dos Escoteiros de Portugal. Este posto foi, depois, contactado pelos amadores portugueses CT1-DU do Lazarim, CT1-HF e CT1-CW de Lisboa, que ficaram assim a conhecer a existência desta importante e curiosa actividade dos Escoteiros.

Já no final do Jambori, quando por falta de propagação ficaram no ar apenas alguns amadores portugueses, foi muito grato assistir a uma «roda», que nos revelou o exacto valor deste Jambori do Ar. Além do «nosso» posto CT1-JD, encontraram-se o posto CT1-CC, com um antigo elemento do Corpo Nacional de Escutas, C-T1 CT, CT1-DU, CT1-EX e CT1-NL, que saudaram o redactor de «Sempre Pronto», a A. E. P. e o Movimento Escotista, tendo manifestado o seu interesse pelo «Jambori do Ar», cuja existência só agora conheceram, sendo unânime a sua adesão entusiástica para o próximo ano, com que muito sinceramente nos congratulamos.

Todos os escoteiros que assistiram a estas comunicações nos diversos Grupos, já que em Portugal não foi permitida a sua participação de viva voz, ficaram entusiasmados com a oportunidade que lhes foi dada e mostram o maior interesse em participar no próximo ano no VII Jambori do Ar.

O sr. Director dos Serviços Rádio Eléctricos, a pedido de «Sempre Pronto» e de diversos rádio-amadores, concedeu autorização para os respectivos postos prestarem a sua colaboração a esta actividade e poderem também transmitir as mensagens escoteiras de saudação.

Por esse motivo, «Sempre Pronto» e os Escoteiros de Portugal lhe estão muito agradecidos, bem como a todos os rádio-amadores portugueses que se prestaram a cooperar com os Escoteiros de Portugal.

«Sempre Pronto» envia particularmente as suas saudações e agradecimentos aos seus amigos srs. Afonso Correia e Saul Costa e Cunha, que tiveram as suas estações ao serviço deste jornal.

Calendário de Novembro

Dia 11 — Aniversário do Grupo n.º 80 de Lisboa

Dia 22 — 6.º aniversário do Grupo n.º 14 de Algés

ACTOS DE VALOR PRATICADOS POR RAPAZES PORTUGUESES

Seguimento da página 2

gustiada mãe, que vira o menino salvo: — Obrigado, lobito.

«Duas palavras valem mais do que o mais veemente discurso em certos momentos; e este era um deles. Era a mãe.

Parabéns ao lobito Vítor Fernando do Carmo Ribeiro, pelo seu gesto, e porque teve a felicidade de escutar as mais sinceras palavras do mundo».

Há, ainda, um outro caso, cujo relato, publicado no «Diário de Lisboa», com a devida vénia transcrevemos na íntegra, na página 2, em razão das judiciosas considerações aí contidas.

O Vítor Hugo Sintra Lima Pereira é escoteiro, e escoteiro de alma e coração como o provam os seus actos. Porém, com os outros já não acontece assim. Mas a verdade é que têm todo o direito a serem olhados como escoteiros. A Associação dos Escoteiros de Portugal poderia criar uma insígnia ou medalha para galardoar feitos desta natureza, concedendo aos rapazes que dessem tais provas de valor a categoria de escoteiros.

Aqui fica a sugestão para a digna Direcção dos Escoteiros de Portugal, que não deixará de a considerar, estamos certos disso.



ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

● Os Antigos Escoteiros da Austrália oferecem tendas para os Escoteiros da Tailândia

Até há pouco tempo, o campismo não fazia parte das actividades do Escotismo na Tailândia, mas recentemente foi estabelecido um programa de actividades do ar livre e pela primeira vez foram necessárias tendas de campanha, problema difícil de solucionar porque naquele país não existem. Os Antigos Escoteiros da Austrália, tendo conhecimento desta dificuldade, acharam que lhes era proporcionada uma oportunidade de manifestarem a sua simpatia aos Escoteiros Tailandeses. Fizeram por isso uma campanha para obtenção de fundos para aquele fim, tendo feito saber que cada tenda de patrulha à prova de chuva custava £ 20. As primeiras quatro tendas já foram obtidas graças à colaboração do Clube Rotário de Preston, das Fraternais de Austrália e Vitória e ainda de uma empresa manufactora do artigo.

O E. C. MONIZ SILVA

chefe da delegação dos Açores, fala do ANAJU

A estadia entre nós do E. C. Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, para tomar parte no Acampamento Nacional do Jubileu, deu-nos azo a que pudéssemos ouvi-lo, em algumas considerações, para o nosso jornal.

O dedicado chefe do Grupo 52, imediatamente se dispôs a responder ao nosso interrogatório com aquela solicitude com que sempre nos atende.

Assim, perguntámos-lhe em primeiro lugar:

— Quantos escoteiros do «52» estão aqui no campo?

— Tenho precisamente 8 escoteiros, ou seja, uma patrulha, — — respondeu-nos.

Outra pergunta:

— Teve muitas ou poucas dificuldades em conseguir reunir esse contingente para se deslocar a Lisboa?

— A única dificuldade que se me deparou foi a viagem para vir até aqui. Se não fosse mesmo a F. A. P.. esta viagem não teria sido possível. Não posso esquecer, contudo, a ajuda que me foi dada pelos Serviços Centrais.

— Quais as suas impressões acerca do Anaju?

— As minhas impressões acerca do Anaju são as melhores. Já há anos que, nos Açores, estamos habituados a pequenos acampamentos. Porém, em 1956, realizámos já o famoso I Jamborete Açoriano, em que participaram rapazes dos Escoteiros de Portugal, do Corpo Nacional de Escutas e escoteiros americanos. Têm-se feito muitos acampamentos destes em conjunto e, por isso, não ficámos impressionados com a grandeza deste. Estou muito satisfeito com o trabalho dos rapazes e muito bem impressionado com os campos de alguns dos grupos, que estão muito engraçados.

Continuámos o nosso diálogo:

— Os seus rapazes regressam com vontade de voltar a outro acampamento aqui no Continente?

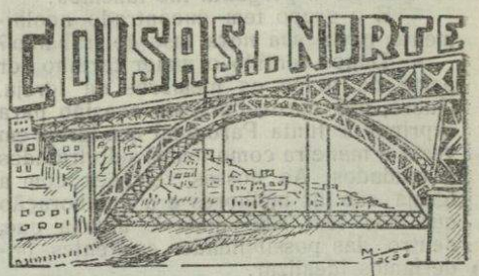
— Pois, decerto. Os rapazes estão muitíssimo satisfeitos e têm, por conseguinte, muita vontade de voltar.

— Para terminar, gostaria que dissesse aos nossos leitores algumas palavras acerca do Anaju, a fim de que eles possam ter uma ideia deste acontecimento.

E o chefe Moniz Silva concluiu assim as suas considerações:

— Para aqueles escoteiros que não puderam vir a este acampamento, tenho a dizer-lhes que perderam uma grande oportunidade, que lhes seria muito útil. Todos deveriam ter feito os possíveis por terem aqui vindo.

Rui Macedo
(«Lobo Cinzento»)



Ainda o desastre ferroviário de Custóias... ou «uma boa acção colectiva»

No dia 26 de Julho, quando se regressava do bivaque da Quinta de Sueime, em Vila Nova de Gaia, foi esta cidade alarmada devido a um grande desastre ferroviário ocorrido em Custóias, no qual, conforme largamente a Imprensa noticiou, morreram cerca de 90 pessoas.

Os escoteiros do Grupo n.º 4, José Eduardo Figueiredo, seu irmão Fernando Figueiredo, Joaquim Pimenta Carvalho e ainda o ex-escoteiro António Faria, todos residentes na Circunvalação, perto do Hospital Escolar de S. João, acorreram àquele Hospital no sentido de algo fazerem em benefício dos que então, ainda com vida, estavam instalados em macas, automóveis particulares, táxis, etc.

A azáfama naquele hospital então era enorme — pois era o que mais perto se encontrava do local do desastre — ali acorreram inúmeros médicos, enfermeiros e dadores de sangue a pedido constante da Rádio e da Radiotelevisão. Aconteceu então que, enquanto os outros escoteiros ajudavam no transporte dos feridos e de alguns cadáveres, o António Figueiredo e o António Faria propuseram dar o seu sangue, que foi aceite devido à grande escassez e do grande número de feridos que ali deram entrada.

Até de madrugada estiveram os nossos rapazes ao serviço do próximo, retirando sorridentes pelo Bem que julgaram fazer depois de um grande dia de actividade escotista.

Visita de dirigentes do Sul

Foi com muita alegria que recebemos a visita dos Chefes Srs. Mário Luzano Pereira Leite e Armando Morais, dirigentes, respectivamente dos Serviços da Região do Centro e do Grupo 10 de Lisboa, que de passagem para Braga, onde iam tomar parte nos trabalhos do curso da «Insígnia de Madeira» estiveram connosco em fraternal convívio escotista. Embora o dia em que chegaram não fosse de molde a poder reunir toda a região norte, nem por isso se deixou de vincar a sua passagem, procurando-se proporcionar aos nossos visitantes um dia de plena alegria que terminou com várias canções e recitativos no Grupo n.º 44, onde pernoitaram. — C

PÁTRIA

No formoso trecho de Rui Barbosa que publicámos no penúltimo número houve uma troca de palavras que prejudicou o sentido, do que pedimos desculpa. Dizia-se:

A Pátria é a família amplificada. E a família, *devidamente* constituída, tem por elementos orgânicos a honra, etc..

Aquele *devidamente* está errado. Devíamos ter escrito: E a família *divinamente* constituída, etc..



Solução de Agosto

ACRÓSTICO

1. LAROUCO
2. SORRAIA
3. RESENDE
4. GRANADA
5. COLOANE
6. FUNCHAL
7. MAIOMBE

Palavra fora da boca
É pedra fora da mão.
Pensa primeiro... Palavras,
Tira-as do teu coração.

A. Correia de Oliveira

As desventuras do Zé Escoteiro



ÁRBITRO DE FUTEBOL!

Zé Escoteiro decidiu-se a uma nova actividade: — a de árbitro de futebol.

Frequentando o respectivo curso, eis finalmente Zé Escoteiro investido nas suas novas funções.

Bancadas à cunha, peão a deitar por fora, entusiasmo transbordante nas duas falanges! Eis o cenário ante o qual se vai desenrolar o almejado desafio. E é o Zé Escoteiro que o vai apitar, ciente da rivalidade existente entre as aguerridas equipas dos «Grilos de Campolide» e do «Atlético do Alto do Pina».

Foi uma verdadeira luta sem quartel, com os ânimos exacerbados até quase ao inconcebível. Cruel prova para um estreante!

Não se tinha registado qualquer golo quando Zé Escoteiro deu o jogo por terminado. Um pouco desnorteado com as dificuldades que lhe tinham surgido, o nosso herói regressa às cabinas.

Dois directores — um de cada uma das colectividades que acabavam de se defrontar — esperavam-no no corredor, sorridentes.

— Trazemos-lhe aqui umas lembranças — disseram eles quando Zé Escoteiro se aproximou.

E, acto contínuo, depuseram nas mãos do novel árbitro dois embrulhos artìsticamente preparados.

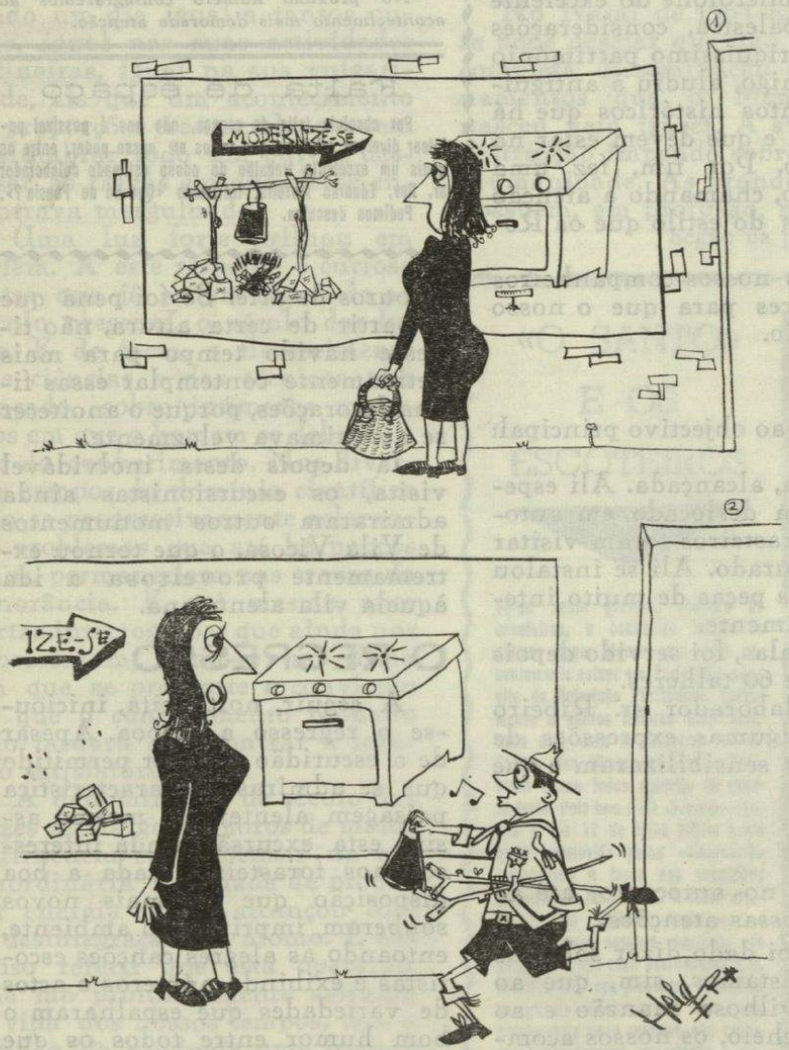
Atónito perante tão inesperada amabilidade, Zé Escoteiro agradece, desvanecido, a honra que lhe estava sendo feita.

Já na cabina, mordido de curiosidade, abre o primeiro embrulho: continha uns esplêndidos óculos de aro de tartaruga. «*Magníficos para a miopia*» lia-se na fita que os enfeitava.

Zé Escoteiro abre então o segundo volume. Era um livro: «*Conheça as leis do futebol*», era o seu título...

Claro que, depois de tão dura prova, Zé Escoteiro desistiu mesmo de ser árbitro e nunca mais alguém o viu num desafio de futebol.

História sem palavras



Árvore que serve para tudo

No Sudão encontra-se uma espécie de imbondeiro de que tudo se aproveita: os frutos amassados com as raízes, tudo reduzido a pasta, dão um excelente alimento; as folhas e os rebentos servem de condimento; o fruto também substitui, com vantagem, o sabão; a madeira é um bom combustível, sem inconveniente do fumo; e as cinzas dão uma boa salmoura.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.º 235

NOVEMBRO de 1964

O «Sempre Pronto» em Vila Viçosa

Decorreu com agrado geral a nossa excursão à graciosa vila alentejana

Como aliás seria de calcular, decorreu com muito êxito a nossa excursão a Vila Viçosa. Apesar de a época estival já ter terminado havia semanas, o bom tempo quis associar-se à iniciativa deste jornal. Assim, a jornada decorreu quase sempre sob bom tempo, ainda que uma ligeira cacimba fizesse, por vezes, a sua aparição, o que não chegou, contudo, para incomodar os forasteiros.

Dia 11 de Outubro, manhã cedo, reuniram-se os bem dispostos excursionistas junto à sede da Associação dos Escoteiros de Portugal, no Cais do Sodré, e aí teve início a jornada.

Atravessada a Capital, ganha a auto-estrada, galgada a ponte de Vila Franca, chegou-se, por fim, a Vendas Novas, onde se fez a primeira paragem. Depois de todos terem petiscado e feito curtos passeios por aquela importante vila reencetou-se a caminhada, desta vez até Évora.

NA CIDADE DE ÉVORA

Antes de se ter alcançado a famosa Cidade-Museu, o nosso colaborador sr. Luís Simões Aurélio fez, ao microfone do excelente autocarro da Piedense, em bem elaborada palestra, considerações sobre o Templo de Diana, a mais cara jóia do riquíssimo património da Capital alentejana. Este nosso estimado amigo, aludiu à antiguidade do vetusto monumento, aos acontecimentos históricos que há séculos se desenrolaram na Península Ibérica e que devem estar na origem da construção do referido templo. Por fim, fez uma descrição do estado actual da velha construção, chamando a atenção dos excursionistas para certas particularidades do estilo que os Romanos usaram na edificação do monumento.

Atingiu-se, pois, a histórica cidade, e os nossos companheiros tiveram ocasião de confirmar certos pormenores para que o nosso colaborador chamara, momentos antes, a atenção.

VILA VIÇOSA À VISTA!

Após esta visita, a viagem continuou até ao objectivo principal: Vila Viçosa.

A ridente povoação alentejana foi, enfim, alcançada. Ali esperavam-nos outros companheiros que se tinham deslocado em automóveis. Como não havia tempo a perder, os forasteiros foram visitar o castelo que se encontra completamente restaurado. Ali se instalou um museu de arqueologia que reúne já muitas peças de muito interesse, as quais os visitantes admiraram detidamente.

Dentro do castelo, numa das suas amplas salas, foi servido depois o almoço em que se contaram aproximadamente 60 talheres.

Durante o repasto, o nosso amigo e colaborador sr. Ribeiro Nunes usou da palavra, para saudar, com algumas expressões de simpatia, este jornal, palavras que muito nos sensibilizaram e que muito agradecemos.

NO PAÇO DUCAL

No fim os visitantes foram conduzidos, no autocarro, até ao magnificente Paço Ducal, que era o alvo das nossas atenções.

Não vamos repetir aqui o que já nos foi dado dizer sobre as belezas deste belo e sumptuoso edifício. Registamos, sim, que ao percorrerem as deslumbrantes salas da maravilhosa mansão e ao contemplarem as fabulosas riquezas do seu recheio, os nossos acompanhantes não esconderam a sua admiração por tantos e tão belos tesouros de arte. Só foi pena que a partir de certa altura, não tivesse havido tempo para mais detidamente contemplar essas finas decorações, porque o anoitecer se aproximava velozmente.

Já depois desta inolvidável visita, os excursionistas ainda admiraram outros monumentos de Vila Viçosa, o que tornou extremamente proveitosa a ida àquela vila alentejana.

O REGRESSO

A seguir, noite feita, iniciou-se o regresso a Lisboa. Apesar de a escuridão não ter permitido que se admirasse a característica paisagem alentejana, mesmo assim esta excursão ainda interessou aos forasteirss, dada a boa disposição que os mais novos souberam imprimir ao ambiente, entoando as alegres canções escotistas e exibindo números e actos de variedades que espalharam o bom humor entre todos os que os escutavam.

Reuniu-se o Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Conforme noticiámos no último número, reuniu-se, em 28 de Outubro findo, o Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, para apreciação, discussão e votação do relatório e contas da Direcção e do parecer do Conselho Fiscal, referentes aos exercícios de 1960/61 e 1962/63, bem como a eleição dos novos Corpos Gerentes para o biénio 1965/66.

No relatório, que prèviamente foi distribuído a todos os associados, a antiga Direcção deu conta do que foram os seus exercícios, enumerando as actividades mais significativas levadas a efeito.

Nesse mesmo documento, presta homenagem aos companheiros que nos deixaram para sempre — os srs. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, Francisco Figueiredo Macedo e Jaime Pinto Camecelha — tendo para o primeiro, o sr. Dr. Tovar de Lemos, palavras de muita admiração e de enaltecimento da obra que levou a cabo no Escotismo. Pela memória do insigne dirigente escotista, foi guardado um minuto de silêncio, por proposta incluída no relatório.

Nas conclusões, aquela Direcção agradece, entre outras, a colaboração recebida da Imprensa e da Rádio, destacando «o mensário «Sempre Pronto», onde encontrámos a maior simpatia e espontaneidade para a mais ampla divulgação da vida da nossa Fraternal, chegando a funcionar como único meio informador dos nossos Companheiros».

Agradecemos estas palavras da Direcção da Fraternal e prometemos continuar a oferecer às suas actividades a nossa modesta cooperação.

Os novos Corpos Gerentes, que iniciarão o seu mandato em princípios do próximo ano, foram eleitos por unanimidade, tendo sido designados os srs. Dr. Cortez Pinto, Humberto Martins e Eng.º Nobre Santos para presidir ao Conselho Nacional, à Direcção e ao Conselho Fiscal, respectivamente.

No próximo número consagraremos ao acontecimento mais demorada atenção.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar diversos originais que temos em nosso poder, entre os quais um excelente trabalho do nosso estimado colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, intitulado «Que há de Poesia?». Pedimos desculpa.